

## **Crónica do Seminário “Os Refugiados, a Crise e os Traumas” Lisboa, 18.05.2016**

No dia 18 de maio de 2016, o Centro de Trauma (CT) e o Observatórios dos Riscos do CES organizaram um Seminário, intitulado “Os Refugiados, a Crise e os Traumas”. A abertura do Seminário, que contou com mais de 120 inscritos, coube à Dra. Luísa Sales (CT), que descreveu as ações do CT e a importância do tema dos refugiados no conjunto de atividades que o CT desenvolve.

No primeiro painel de intervenções, com o tema “Crise dos Refugiados: que intervenções psicossociais em contextos traumáticos?”, participaram a Dra. Teresa Tito de Moraes Mendes (Conselho Português para os Refugiados), que moderou, a Dra. Diana Araújo (Cruz Vermelha Portuguesa/Comité Internacional da Cruz Vermelha) e o Dr. Marco Ramos (Psicólogo e Docente na Universidade de Aveiro). Na introdução, a moderadora fez diversas reflexões sobre o tema, baseadas na sua vasta experiência de trabalho com refugiados. Salientamos o alerta deixado para a necessidade de compreender a evolução: quer dos processos legais para integração destes grupos, quer das rotas e fluxo migratórios com origem na Síria, associando o tipo de respostas facultadas com a responsabilidade da Europa nesta crise, exibindo grande preocupação perante as limitações de enquadramento humanitário e legal da Turquia, país para o qual muitos dos refugiados tem sido remetidos por decisão europeia. A Dra. Teresa Tito de Moraes Mendes referiu que os refugiados são pessoas que se encontram em situação de fuga, que por si, pode constituir um evento potencialmente traumático - 35% dos refugiados apresentam um risco potencial de PTSD. Mencionou ainda alguns dados importantes como a atual e constante alteração da proveniência dos refugiados e o aumento de menores refugiados desacompanhados - mais um dos desafios que se colocam na integração destes grupos. Factos de extrema importância para o Centro de Trauma e cujas implicações foram alvo de debate neste Seminário.

Outra das participantes que enriqueceu este painel foi a Dra. Diana Araújo da Cruz Vermelha Portuguesa que, abordando o tema da recuperação dos laços familiares, apresentou um vídeo sobre a deslocação forçada e a reunião de famílias e outro sobre o trabalho realizado pela Cruz Vermelha da Croácia. Explicou ainda o desenvolvimento do trabalho das diferentes delegações nacionais da Cruz Vermelha, particularmente quanto a evolução do critério do apoio psicossocial que, passando de situações de guerra ou catástrofes naturais, viu a sua profundidade alterada pelo aparecimento do conceito de catástrofes humanitárias. Centrando a sua apresentação em novos conteúdos, referiu a necessidade de desencadear reagrupamentos familiares como um dos mecanismos importantes de prevenção de traumas, destacando este reagrupamento como um fator de equilíbrio psicossocial.

No seguimento do que foi anteriormente exposto e enquadrada na experiência, está a urgência de partilha de informação e de registos, indicando consequentemente as grandes dificuldades sentidas no trabalho de reagrupamento familiar: os menores desacompanhados, a morte ou o desaparecimento. A falta de registos torna quase impossível a partilha de certa informação sendo um grave obstáculo no processo de (re)organização familiar e comunitária,

absolutamente indispensável. Na sua apresentação a Dra. Diana Araújo destacou ainda a preocupação que a Cruz Vermelha tem com os seus técnicos, estando permanentemente atenta com a sua formação e prevenção de trauma ou re-traumatização.

Neste painel participou também, através de um pequeno vídeo, Nataliya Bekh, assessora na Fundação ADFP, entidade dotada de um centro para refugiados e que nesta altura já trabalha com alguns deles. Realizou uma descrição de algumas das suas atividades e experiência com refugiados. Assim, ficamos a perceber quais os objetivos da associação, como integrar os refugiados e promover a igualdade de direitos na integração. A preocupação com a cultura na receção dos refugiados foi uma realidade. Nataliya Bekh também referiu a necessidade de concretizar o chamado estatuto de traumatizado, especialmente porque há identificação de situações clínicas nestes refugiados - problemas nas relações interpessoais, intolerância relativa às outras pessoas, dificuldades em serem criativos e em desenvolver estratégias, para além da simples adaptação, são alguns dos obstáculos encontrados. Relata também o cuidado com a formação e vivências dos seus profissionais, referindo como exemplo a tradutora, como alguém muito exposto às vivências deste grupo. No entanto, considera que a integração é o primeiro mecanismo de resolução do trauma, aponta a confiança e a empatia como catalisadores do sucesso, que ainda não se pode medir, mas que pode ajudar a encontrar soluções.

Na sequência das apresentações seguiu-se o psicólogo Marco Ramos, docente na Universidade de Aveiro, que assumiu logo de início não falar sobre refugiados, orientando a sua apresentação para o cuidador e para tentar perceber o que um refugiado traz para a relação com o cuidador, ou seja, o que este tem de suportar e adaptar no seu movimento bidirecional de eu /tu - inerente a este tipo de relações. Apresentou como destaque a necessidade de se ter atenção ao momento em que o belo se transforma em sofrimento, isto é, o burnout. Neste aspeto foi identificada a necessidade de se perceber que nestas relações de cuidador/refugiado, se não existia realidade, ela simplesmente passou a existir. A tríade entre o eu/ tu e o cuidar, cria dinamismos e constrói a relação. Estas relações e o seu dinamismo permitem a inclusão, integração, autoconhecimento, autocontrolo, comunicação, capacidade de escutar, ter empatia, aprender a lidar com o trabalho, permitem criar condições para aguentar.

A resiliência, os programas de assistência a colaboradores e de grupos de apoio a pares são estratégias que devem ser implementadas e devem estar ao alcance dos cuidadores.

No cuidar dos cuidadores tudo gira em torno da existência de significado, de segurança psicológica e desafio psicológico, clareza, qualidades de liderança e a solidariedade. A coerência será outro dos aspetos a ter em atenção.

Prevenir com comportamentos promotores de saúde, como o exercício físico, alimentação e o sono, foram fatores destacados, nesta área onde a dificuldade vem muitas vezes de se confundir a função com a identidade. Temos de cuidar do cuidador.

No final das apresentações do primeiro painel, houve espaço para um breve período de perguntas e respostas ou reflexões, onde se destacou a confusão entre identidade e profissão, a necessidade de se promover a autonomia do outro.

Neste período, questões ligadas ao pós-trauma, a sequência do trauma ou trauma sequencial foram abordados, integrando a ideia de não psicopatologizar todas as reações, mas essencialmente criar uma rede de prevenção do trauma.

No contexto da prevenção acentuou-se a necessidade de formar técnicos para a intervenção junto dos refugiados, exigindo-se a criação de estruturas e de respostas adequadas às situações como forma de prevenir situações como o *burnout* e a preocupação com os profissionais que trabalham na área de assistência, apoio e intervenção junto de populações como os refugiados.

Ainda durante a manhã contou-se com participação do Dr. Artur Santos Silva, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, que destacou na sua apresentação a imigração como uma das áreas de interesse da Fundação, com a tentativa de participação e produção de orientações de boas práticas. A clarificação de conceitos como a necessidade de compreender a diferença entre imigrantes e refugiados foi abordada. Destacou ainda o apoio que a Fundação tem dado na integração da imigração e eliminação dos centros de detenção, especialmente dos que são criados para a receção de menores desacompanhados. Na sua apresentação anunciou a realização de uma conferência internacional sobre refugiados em Portugal.

A manhã encerrou com a apresentação, por Bruno Brito, Susana Gouveia e Miguel Arriaga (CT) do Manual de Apoio Psicossocial a Migrantes, que pretende ser um documento de compilação sobre linhas de orientação e avaliação para as situações de trauma, ou seja, dotar os técnicos de alguns conhecimentos para melhor apoiar quem estão a ajudar.

Salientou-se o facto de não se tratar de um manual de intervenção, mas de ser mais uma ferramenta de ajuda, aberto para a utilização de todas as instituições centradas no apoio aos migrantes e seus cuidadores, no cuidar, ou ajudar a cuidar.

Neste seminário procedeu-se à cerimónia de entrega dos diplomas a 41 formandos do Segundo Curso de Psicotraumatologia, algo que o Centro de Trauma considera como a concretização de um dos seus objetivos essenciais. Dado ao sucesso, foi anunciada a abertura de uma nova edição do curso resultante da certificação CT/ESTSS.

Da parte da tarde os trabalhos iniciaram-se tendo como tema central “A ambivalência da Europa perante o drama dos refugiados”. Este painel foi moderado por Ricardo Alexandre, jornalista da RTP, que na sua introdução referiu a importância do papel dos media nesta crise, classificando-a como uma crise ambígua, especialmente porque é uma crise de população, numa Europa que precisa dessa população como mão de obra e como mecanismo de rejuvenescimento social. Esta introdução estabeleceu o ponto de partida para a discussão tendo por base a questão: será esta a melhor ou pior crise para a Europa?

Iniciou a participação o Sr. Prof. Rui Pereira (Presidente do Observatório de Segurança) que considera a existência de dois lados, ambos ambivalentes.

A razão para a ambivalência estabelece-se entre a liberdade e a segurança. A Europa sustenta-se no conceito de paz e liberdade, na circulação de pessoas e bens e a segurança

estabelece um critério de funcionalidade da Europa. Esta ambivalência que promove conflitos, cria situações de rutura das opiniões públicas que dificultam a análise das necessidades ou de enquadramentos sociais desta deslocação das populações.

Na Europa tem de haver políticas de segurança comuns, mas como não existe aliança, a resposta a essa necessidade não pode ser implementada, daí existirem países que desenvolvem modelos de trabalho e receção diferentes, uns com muros e outros sem eles.

Nos seus comentários o Prof. Rui Pereira reafirma a sua posição, de necessidade de se evoluir na Europa para o modelo de federação. Integrando esse modelo nesta crise, considera que o problema é que a Europa tratou inicialmente a situação como uma imigração económica, o que foi um erro.

No seu ponto de vista, a comunicação e abordagem por parte dos países europeus deve ser precisa, apostando na absorção das suas diferentes emigrações, atitude constante ao longo da História. Agora, estas ambivalências limitam a implantação da Europa.

No seu comentário o Sr. Embaixador Seixas da Costa referiu que a complexidade da Europa ultrapassa esta crise. Atualmente, a comunidade europeia não está preparada para crises.

Neste tempo, o choque ético faz perceber não uma, mas várias Europas. As agendas e dependência dos governos relativamente a outros governos e à opinião pública criam situações de desadequação nas respostas. A falta de capacidade para reagir a médio prazo e a inexistência de uma agenda ou opinião comum dificultam e fragilizam a tomada de decisões. Na sua intervenção manifestou algum desconforto na forma como a Comissão Europeia tem reagido relativamente a alguns países e de como algumas instituições europeias têm intervindo em todo este processo. É uma situação que considera grave porque “o desvio ao padrão de alguns países acontece e ninguém reage”.

No seu discurso e tal como já tinha referido o Professor Rui Pereira, existe a ética enquanto espaço para as pessoas e os países, tal como Portugal, tomarem as suas decisões e desenvolverem as suas políticas de integração dos imigrantes e da Europa. O aceitar a diversidade como um valor ético e retirar o estresse da solidariedade, permitindo receber quem está em risco, seriam obrigações evidentes da população europeia. Neste contexto referiu que assim, também a Europa está em risco e que esta só reage porque o problema está nas suas fronteiras e no seu interior, isto é, segue um princípio de necessidade.

Esta crise é acentuada pela desilusão que a Europa cria com suas políticas, ao olhar para Schengen e para as suas grandes fronteiras externas, como uma grande conquista e não considerar isso como algo de negativo, são reflexões necessárias, especialmente sustentadas na ideia que temos de viver com o que podemos ou conseguimos fazer.

Margarida Marques, Secretária de Estado dos Assuntos Europeus, na sua intervenção refletiu sobre o papel dos media e como estes transmitem e trabalham a informação provocando reações. A necessidade de compreender que quanto maior a proximidade maior a reatividade, refere neste contexto, que a postura de Portugal se tem pautado por um dever moral e legal de proteção aos refugiados. No caso do governo de Portugal, considera que esta imigração/refugiados poderá resolver, atenuar, um problema demográfico.

Comentando o acordo UE/Turquia refere que este é um plano B, sendo que o plano A deveria passar pela solidariedade europeia, isto é, integração e respeito pelos valores éticos e legais para com os refugiados e consequentemente a sua integração e distribuição pelos países da UE. Na sua experiência de visita a diversos campos de refugiados na Turquia, percebeu a existência de dificuldades importantes no acesso e implementação do acordo UE/Turquia.

Considerando a sua existência mencionou que cabe à UE implementar e realizar a sua supervisão em permanência. Na sua opinião uma parte importante da Europa depende da resolução do problema dos refugiados.

Mudando um pouco das abordagens relativas às consequências, a Sra. Secretária de Estado pretendeu introduzir algumas reflexões sobre a intervenção nas razões da existência dos refugiados, considerando que deveria ser, também, aí, que seria necessário a implementação de medidas. Desenvolver a coesão entre estados seria outra das abordagens que permitiria controlar alguns focos nacionalistas que se têm aproveitado das fragilidades da UE e dos estados perante esta situação dos refugiados.

O término das apresentações ficou a cargo do Prof. Sami Naïr (Diretor do Fórum do Mediterrâneo da Universidade Internacional da Andaluzia), que na sua participação estabeleceu um conjunto de ideias principais, baseadas no tema: “Porque fracassa a Europa na Crise dos Refugiados?”, como seja:

A primeira ideia de que esta crise não é inesperada, ela está a decorrer desde os anos 90 e o modelo Schengen não conseguiu resolver esta crise, talvez até a agravou. Neste contexto, Sami Naïr refere que há uma crise estrutural relacionada com Schengen e a crise de refugiados. Os que saem, saem para não morrer. Os refugiados escolheram esta opção porque consideraram que os valores europeus os iam acolher e aconteceu o contrário. A ideia de serem aceites era o principal sentimento expresso por estas populações e considerado, pelo menos durante bastante tempo, um ideal europeu. Schengen inverteu esta ideia ao estabelecer, quase em exclusivo, critérios de absorção internos e poucos externos. Na sua essência, Schengen pretendia desenvolver a livre circulação interna como forma de criar emprego para os mais jovens, os comunitários, deixando de fora todos os que não são comunitários.

Este aspeto criou uma pressão superior para os refugiados. A movimentação interna passa a ser muito economicista. Refira-se que o emprego esteve amplamente ligado a Schengen, mas a perceção das pessoas o associa essencialmente, pelo menos dentro da EU, ao turismo, livre circulação comunitária.

Em algumas das suas afirmações, destaca-se a ideia de que, a queda do muro de Berlim é substituída pelo muro de Schengen - uma forma de fechar o acesso ao trabalho aos polacos, húngaros, etc., pelo menos antes da integração destes na EU e em Schengen.

Estes mecanismos de controlo forçaram a criação da nova imigração ilegal, especialmente para uma zona, a Europa, onde sempre houve imigração, era natural e em consequência Schengen forçou o aparecimento desta imigração, organizada por mafias especializadas, que inicialmente estavam ligadas a imigrantes e que na atualidade se ligam a refugiados.

Esta associação Schengen/refugiados criou uma nova guerra onde as pessoas pedem socorro, e o peso económico e monetário é dominante. Os países, não conseguem criar mecanismos de solidariedade que ultrapassem a lógica economicista desta guerra.

A segunda ideia passa pela fragilidade da Europa, é só uma Europa de mercado, sem construção de uma identidade europeia. Criou-se uma Europa sem haver uma preocupação com a identidade social, é cada um por si. O mito da Europa que resolve e é solidária desapareceu.

Nesta crise temos só no Mediterrâneo cerca de 3700 mortos e só funciona um mecanismo de gestão de fronteira, o FRONTEX. Esta ausência de solidariedade, o de não respeitar os presumíveis valores europeus criou uma máquina retórica e manipuladora que facilitou algo muito complexo, isto é, a confusão entre o conceito refugiados e imigrantes.

Todos estes aspetos que criam ambiguidade e confusão são facilitadores da quebra de regras, convenções ou mesmo o aparecimento de movimentos xenófobos, ou seja, perda do conceito equilibrador de sociedade europeia ou de valores europeus.

No seu ponto de vista, o desenvolvimento do conceito de refugiados - esta nova realidade social e geopolítica – um estatuto que deve ser repensado e que contemple a abertura para a existência de novos refugiados.

Sami Nair terminou referindo que a Europa tem de olhar para Schengen e reinventá-lo para as novas realidades presentes ou vindouras, com o risco de caso não proceder a essa nova reflexão criar mais e novos mur(r)os na Europa.

**João Veloso | Lisboa, 2016**

Investigador Associado do Centro de Trauma do  
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES\_UC)